

CONFRONTANDO AVALIAÇÕES SOB UMA VISÃO MULTICULTURAL: EXPANDINDO PRÁTICAS QUE ELEVAM O CONHECIMENTO, NÃO QUE O BLOQUEIAM ¹

Aldnir Farias da Silva Leão²

aldnirfarias@gmail.com

Marcela Tarcina Cunha Silva Martins³

Marcela.tarciana@yahoo.com.br

1. Introdução

A avaliação ao longo dos tempos vem sendo apresentada e discutida entre inúmeros estudiosos, bem como entre todos que fazem a educação propriamente dita, entre esses, os professores, os quais em conversas formais e/ou informais debatem sobre suas práticas avaliativas, questionando sobre as dificuldades para realizar esse processo, bem como os resultados negativos que insistem e persistem no processo de ensino-aprendizagem. Sobretudo, enfatizam que, muitas vezes, esse processo avaliativo não acontece como gostariam, mas como o sistema exige, tentando assim, justificar suas resistências a inovações nessa prática. Hoffmann (2009, p.18) enriquece esse pensamento quando diz que:

É interessante como os educadores reagem a questões de inovação que digam respeito à metodologia tradicional de aplicação de provas e atribuições de notas/ conceitos periódicos. Nos cursos e seminários, a maior expectativa deles é quanto a sugestões para realizar essa prática de maneira mais coerente (até porque percebem as incoerências nesses aspectos) sem, no entanto, refletir sobre o significado dessa metodologia.

A partir de observações nas práticas avaliativas aplicadas nas escolas da rede pública de ensino, focando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, percebeu-se que essas práticas

¹ Trabalho referente à avaliação da disciplina Avaliação Multicultural, ofertada pela UNIGRENDAL, ministrada pela Profa. Dra. Marcela Tarcina Cunha Silva Martins.

² Doutoranda em Ciências da Educação-UNIGRENDAL. Mestra em Ciências da Educação-UNASUR. Pós-graduada em Supervisão Escolar-IESP. Licenciada em Pedagogia-UNAVIDA/IESP. Licenciada em Letras/UEPB.
aldnirfarias@gmail.com.

³ Doutora em Agronomia- Professora-UNIGRENDAL. marcela.tarciana@yahoo.com.br

ainda fogem do atual sentido de avaliar, que não é apenas medir saberes, mas oportunizar ao aluno/ à aluna novas descobertas, novos aprendizados.

Desta forma, percebe-se a importância de se aprofundar ainda mais o estudo dessa temática, visto que mesmo com a amplitude de informações e abordagens que enfatizam a relevância das práticas avaliativas como forma de evolução/progressão, não de regressão ou bloqueio, ainda encontramos métodos de avaliação que se baseiam apenas em testes que, na verdade, não testam nada, apenas limitam os alunos a fornecerem as informações básicas sobre determinado tema ministrado, e até mesmo, temas que nem foram apresentados ou discutidos em sala de aula, porém por estar nos planos de aulas, para justificar o registro são cobrados em provas, ou seja, por questões curriculares, não focando no principal que é o processo ensino-aprendizagem.

A inquietação por essa problemática é que, além de ser educadora, pesquisadora, mãe, sou uma cidadã preocupada com nosso futuro, com *ossos pequenos* que serão os grandes porvindouros, devendo estar preparados para uma sociedade que provavelmente continuará excludente, de alguma forma, cabendo a nós, educadores, a responsabilidade, a missão de oportunizar a esses indivíduos formas de crescimento como ser humano e cidadão crítico, com ideais e ideias, utopias e vontades, utopias por um mundo melhor, onde valorizem a todos, respeitando as particularidades. Portanto, a educação é a mola mestra para esse *up*⁴ na sociedade. Assim, a avaliação será a ferramenta que ajudará (ou não) na continuidade desse indivíduo no meio do conhecimento formal, a escola. Para Salomão (2007), sendo a escola, por excelência, um local de sociabilização, o professor deve ir assumindo gradualmente o seguinte papel:

o papel de mediador, dando aos alunos a oportunidade de constituírem as suas aprendizagens: (...) papel do mediador como fomentador de uma formação reflexiva, sugerindo que ele não fosse diretivo, mas que buscasse criar uma atmosfera de confiança e negociação, partindo das necessidades dos interagentes e utilizando-se de estratégias que envolvessem o oferecimento de alternativas, colaboração e provimento de teoria de acordo com as necessidades. (SALOMÃO *apud* RODRIGUES, 2013, p. 93)

Mas para isso, é essencial, segundo Cardoso (1996), “a convicção dos professores de que é necessário mudar as suas práticas em sentidos multiculturais e de que dispõem de condições e disponibilidade para promoverem mudanças.” (CARDOSO *apud* RODRIGUES,

⁴ *Up* é uma palavra da língua inglesa que significa "para cima". Usado nesta sentença como sendo a educação a mola mestra para elevar a sociedade, fazê-la prosperar.

p.75). Entende-se, pois, que uma das propostas para que esse processo de ensino-aprendizagem seja efetivado de maneira mais ampla e igualitária, o professor precisa modificar suas práticas pedagógicas para que atenda a todos, sem limitações ou restrições para alguns, precisa-se, pois, de um plano diversificado e multicultural, que com sua flexibilidade se ajuste às necessidades da turma.

Com esse estudo objetiva-se confrontar e analisar as práticas avaliativas nos anos iniciais do ensino fundamental numa perspectiva de escolas públicas da zona rural do município de Curral de Cima-PB.

2. Metodologia

A pesquisa foi realizada com duas professoras dos quartos e quintos anos do ensino fundamental da zona rural, que serão referenciadas ao longo do trabalho como P1 e P2, estando, respectivamente lotadas na Secretaria de Educação do município de Curral de Cima, Paraíba, na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Raimundo e Escola Municipal Jacy Rego Barros. Para tal, utilizou-se uma pesquisa de campo, onde as professoras responderam a um questionário composto por 7 (sete) questões discursivas (conforme anexo), para que assim pudessem não apenas responder objetivamente mas expor suas opiniões a respeito de cada questão. Sendo, pois, considerada uma pesquisa descritiva. Prevaleceu-se o método qualitativo, visto que, Neves (1996, p. 1), define pesquisa qualitativa como [...] um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados [...]. Porém, para a coleta de dados foi utilizado o quantitativo. A pesquisa foi dividida em três partes: 1- Elaboração do questionário; 2- Apresentação do tema da pesquisa e disponibilização dos questionários às professoras, impressos e por e-mail; 3-Coleta e análise dos dados da pesquisa de campo, para que assim chegássemos aos resultados e discussões que serão apresentadas no próximo tópico.

3. Resultados e discussões

Por muito tempo tem se discutido sobre práticas avaliativas em sala de aula, criticando-se o método tradicional de aplicar provas e testes sem considerar os conteúdos ministrados em

sala de aula nem valorizar os conhecimentos prévios dos alunos e suas opiniões. Santos e Canen (2014) ressaltam que:

é importante a utilização de instrumentos diversificados de avaliação construídos a partir de critérios que foram efetivamente trabalhados no cotidiano escolar, ou seja, é incoerente com a proposta o professor cobrar, em testes e provas, conteúdos que não foram abordados durante o ensino. (SANTOS e CANEN, 2014, p. 65).

Analisando as respostas de P1, percebe-se que sua realidade, suas práticas avaliativas tem objetivos pertinentes e sua visão comunga com algumas teorias, pois quando se perguntou: O que você entende por avaliação da aprendizagem? Ela respondeu que é uma atividade de verificação da aprendizagem aplicada para os alunos que visa obter dados qualitativos sobre o processo de ensino e aprendizagem dos mesmos. É perceptível sua compreensão a respeito da avaliação. Porém, P2 já enxerga a avaliação como uma forma de representar realmente o que o aluno aprendeu ou não, quando afirma na questão 1(um) “acredito que é necessário a avaliação para constatar se o aluno domina todos os conteúdos ensinados.” Ou seja, para essa professora uma forma de comprovar o resultado do processo de ensino-aprendizagem é através da ferramenta avaliativa. Completando esse raciocínio, perguntou-se: Qual a função da avaliação no processo de ensino-aprendizagem? P1 prontamente respondeu “Me auxiliar como professora em relação ao trabalho que desenvolvo com a turma” e P2 “A avaliação é essencial para um diagnóstico e para mudar os métodos de ensino.” Nesse ponto, vê-se a semelhança nas respostas, ambas atribuem à avaliação um importante papel, que deve realmente ser assim.

A avaliação deve servir para apresentar um diagnóstico não como uma conclusão, mas como um novo olhar sobre o processo e, se preciso, mudar as estratégias para atingir os objetivos almejados. A respeito disso, Hoffmann (2009, p. 67), argumenta que tarefas avaliativas exigem a interpretação das respostas dos alunos em termos da natureza dos erros cometidos para o planejamento de intervenção coerente.

Por outro lado, quando se perguntou como a professora avaliava seus alunos e quais instrumentos utilizava para tal procedimento, ela respondeu que era “por meio de observação, atividades contínuas, pesquisa em grupo e individual e exercícios de verificação da aprendizagem. Utilizo todos os materiais didáticos e paradidáticos usados no dia a dia em sala de aula.” Ou seja, além da avaliação formativa P1 faz uso de métodos tradicionais quando aplica tais exercícios de verificação de aprendizagem, que são as avaliações escritas, sendo essas pré-

agendadas, onde os alunos devem estudar os conteúdos apresentados nas aulas anteriores e mostrar que foram assimilados no momento de aplicabilidade desse exercício.

Em conversa informal a professora enfatiza que faz uso dessa técnica porque o sistema exige notas, e realmente é exatamente assim que funciona, somos avaliados através de notas desde as séries iniciais até o ingresso em faculdades e quando nos submetemos a concursos públicos, que tem como processo seletivo a prova escrita e a entrevista, sendo estas, também, classificatórias. Desta forma, “[...] apesar de a avaliação formativa estar presente em propostas educacionais, na pesquisa acadêmica e não causar mais tanto estranhamento, a avaliação tradicional, segundo os autores, continua a ser empregada na maioria das escolas.”(SANTOS e CANEN, 2014, p.66).

Em uma de suas respostas P1 afirma que a avaliação deve ser aplicada e as respostas dos alunos devem ser respeitadas. Nesse sentido, reforça-se o papel do educador como pesquisador constante de sua prática. Ele deve construir no seu cotidiano perspectivas multiculturais que resultem em discursos alternativos, que valorizem as identidades, [...] e recusem-se a congelamento identitário. (CANEN, 2007 *apud* SILVA; PRIMÃO; ALEXANDRE, 2012, p. 06).

Porém, nem todos os professores estão nesse grupo de pesquisadores e preparados para valorizarem as identidades, ou seja, aqueles que olham o aluno em suas particularidades, respeitando sua cultura, seus conhecimentos prévios, seu ponto de vista. Uma vez que, no sistema educativo nos deparamos com professores que castigam o aluno por algum comportamento que julga indisciplinar, aplicando-se prova surpresa. Além dessa realidade que nos surpreende, ainda existem aqueles que utilizam a técnica dos questionários decorativos, onde os alunos se submetem a decorar 20 ou 30 questões para no dia seguinte, conforme a vontade do professor, responder a cinco, dez ou até mais dessas questões, que na maioria das vezes o aluno se dá mal, pois acontece aquele famoso branco, ou seja, por ser uma técnica de decorar e não de aprender o assunto, o aluno simplesmente esquece tudo, apaga literalmente de sua memória.

Por essas e outras razões, alguns alunos são reprovados e permanecem no mesmo ano de estudo, ou seja, através de um processo avaliativo, classificatório e excludente, o aluno não é promovido para o ano seguinte, pois foi submetido a avaliações que não avaliaram sua evolução, mas o limitaram ao retrocesso. “Tradicionalmente, no entanto, as práticas de avaliação desenvolvidas na escola têm se constituído em práticas de exclusão: avalia-se para medir a aprendizagem dos estudantes e classificá-los

em aptos ou não aptos a prosseguir os estudos.” (LEAL, ALBUQUERQUE e MORAIS, 2009, p. 99). A partir daí, muitas vezes, será visto como um fracassado, e se não encontrar alguém que o estimule e o ajude a desenvolver suas habilidades, terá apenas frustrações, e no futuro será mais um aluno para aumentar os índices de distorção idade-série. Como salientam Xavier e Canen (2008):

Outro ponto que levantou polêmica, por não ser um consenso, foi o que ressalta a exclusão daqueles que “não conseguem aprender”, representados por aqueles alunos com dificuldade de aprendizagem, repetentes, alunos com defasagem idade-série e evadidos, que conseqüentemente “fracassam” e acabam por ser expulsos da escola, mas, no entanto, não são identificados pelos educadores como um grupo de excluídos. (XAVIER; CANEN *apud* SILVA, PRIMÃO e ALEXANDRE, 2012, p. 297).

Cominando esse pensamento com as práticas de uma das professoras pesquisadas observou-se que quando se indaga quais as maiores dificuldades para avaliar o aluno, P1 respondeu “Avaliar o aluno que ainda não foi alfabetizado e já saiu do ciclo de alfabetização”. Ou seja, a maior dificuldade é quando o aluno já passou da fase de alfabetização, classificada como Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos) e já está no 4º ou 5º ano, porém ainda não consegue ler fluentemente.

No entanto, para a segunda professora (P2), a maior dificuldade é “separar as atividades escritas e de leitura do contexto comportamental.” Entende-se que para essa professora avaliar o aluno confrontando as práticas tradicionais de avaliação com processo contínuo torna-se complicado, em conversa informal ela enfatizou que às vezes o aluno apresenta práticas corriqueiras e comportamentos positivos, porém nas práticas de avaliação escrita só consegue atingir o mínimo de rendimento, entretanto, não pode abrir mão dessa prática. Até porque, o sistema exige notas, para não ser tão injusta, faz trabalhos de recuperação e considera cada momento do aluno em sala de aula, prática essa plausível, diante das realidades que encontramos em algumas escolas.

Todavia, na questão: Em sua opinião, quando uma avaliação deve ser realizada? Em quais situações ou momentos? A mesma professora respondeu: No momento em que precise medir o grau de aprendizagem do aluno. Portanto, para ela a avaliação é mesmo um instrumento que **mede** o aprendizado. Já P1 afirma que a avaliação deve ser realizada a partir do momento que ele tem entendimento do assunto tenha boa oralidade e escrita em relação ao mesmo. Assim sendo, não se deve apenas (pré) determinar datas para procedimentos avaliativos, mas realizá-lo quanto perceber que o

aluno já assimilou o conteúdo ministrado. Respeitando cada criança, cada momento e individualidade, pois “é na singularidade e não na padronização de comportamentos e ações que cada sujeito, nas suas interações com o mundo sociocultural e natural, vai tecendo os seus conhecimentos.” (CORSINO, 2006, p.57).

É sabido que, diante dos fatos apresentados e analisados, as professoras pesquisadas não exercem uma prática avaliativa integralmente multicultural, diversificada, ou formativa, apesar de tantas nomearem e citarem que é dessa forma que avaliam seus alunos. Mesmo que, na maioria dos casos, a responsabilidade de aplicarem esses tipos de avaliações não é apenas do professor, da instituição de ensino, mas do próprio sistema que está constantemente nos avaliando, desde a pré-escola até ensinos superiores e concursos públicos, ou seja, o professor não pode deixar de apresentar esses instrumentos avaliativos a seus alunos, até por que, é uma prática existente em todo o meio de formação do indivíduo, intelectual e socialmente falando.

Por outro lado, conforme o resultado do questionário aplicado, uma das professoras (P2) afirmou que não conhece o termo avaliação multicultural, ou seja, por mais que esteja sendo um tema debatido, e às vezes, em seu dia a dia compactue com a valorização cultural e individual de seu aluno, não conseguiu - antes da consolidação desse artigo - conceituar que essa prática está sob uma perspectiva de avaliação multicultural.

4. Considerações Finais

Diante da pesquisa realizada, analisada e discutida, comprova-se uma realidade educacional da zona rural do município de Curral de Cima- PB, porém que não se limita apenas a essa localidade, pois é um fato que excede as fronteiras municipais, estaduais e federais.

As professoras analisadas tiveram a oportunidade de expor suas práticas, bem como um pouco de suas angústias, que mesmo sendo de uma cidade interiorana e estarem cumprindo a missão de educadoras em áreas rurais e carentes, não se constrangeram em mostrar suas verdades. Mesmo com exigências do sistema, burocraticamente falando, ainda percebemos ousadia em oferecer a seus alunos e alunas algo a mais, um pouco de liberdade no processo de ensino-aprendizagem, não apenas **medindo** o conhecimento, como fizeram e fazem às vezes, mas também aproveitando e respeitando as particularidades de cada criança.

Por tanto, não apenas no município supracitado, mas em todo o território nacional, de acordo com a realidade de cada região, precisa-se entender avaliação, de uma vez por toda, como um processo contínuo e multicultural, porém, particular, onde cada indivíduo tem seu tempo e seu modo de desenvolvimento, ou seja, avaliar o aluno considerando todo seu entorno, através de uma visão ampla, considerando o multiculturalismo e diversidade que existe não apenas numa sociedade, mas numa pequena sala de aula, onde cada criança traz um pouco de suas raízes e características particulares, mesmo pertencendo a uma mesma comunidade. Sendo assim, o professor não deve utilizar apenas uma forma, uma ferramenta para avaliar, mas considerar toda a turma respeitando as particularidades de cada um.

Uma vez que, existimos em/ pertencemos a mundo tão cheio de riquezas culturais, valores especiais e diversidades, onde a Educação é a mola mestra para o crescimento intelectual e social do indivíduo, deve-se, pois, abrir espaço para o multiculturalismo, proporcionando a todas que a compõem um olhar amplo que veja além do todo, que não julguem o aluno/a aluna apenas superficialmente, mas o/a conheçam e reconheçam como indivíduo que já traz consigo uma grande bagagem de conhecimento que pode e deve ser multiplicado e compartilhado, para que quando “sair” desse meio escolar, esteja preparado/preparada para atender e entender a diversidade que o/a cerca e assim, contribuir para a evolução da sociedade que componha.

5. Referências

BRASIL, Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de 9 anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**/organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricéli Ribeiro do Nascimento. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

CORSINO, Patrícia. **As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento**. IN: BRASIL, Ministério da Educação. Ensino Fundamental de 9 anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricéli Ribeiro do Nascimento. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da**



pré-escola à universidade. Porto Alegre: Editora Mediação, 29 ed.2009.

PRIMÃO, Juliana Cristina Magnani; SILVA ,Ana Maria Nunes da & ALEXANDRE Ivone Jesus .**MULTICULTURALISMO E EDUCAÇÃO: desafios para o educador.** Eventos Pedagógicos v.3, n.2, p. 291 - 300, Maio – Julho, 2012

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisa em administração, v. 1, n. 3, 1996.

SANTOS, Ana Paula Silva & CANEN, Ana. **Avaliação Escolar Para a Aprendizagem: possibilidades e avanços na prática pedagógica.** Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 6, n. 16, p. 53-70, jan./abr.,2014 .